

Qualificação operacional

Um verdadeiro centro mundial da economia instalou-se em Campos do Jordão, SP, em A-gosto/2007, por ocasião do 3º Congresso Internacional de Derivativos e Mercado Financeiro, promovido pela BM&F e que reuniu algumas das maiores estrelas das finanças internacionais, como o diretor-gerente do FMI - Fundo Monetário Internacional, Rodrigo de Rato, sua anteces-sora, Anne Krueger, os prêmios Nobel de Economia Edmund Phelps (2006) e Robert Merton (1997), e o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, entre outros, evento do qual parti-cipamos.

Segundo Manoel Felix Cintra Neto, presidente da BM&F, "decidimos inserir o Brasil no cir-cuito dos grandes debates sobre as finanças globais e dos derivativos em particular". O encontro permitiu um entendimento mais apurado da turbulência que atinge os mercados financeiros in-ternacionais, em razão da crise do setor imobiliário norte-americano. "Nosso objetivo é ser o centro da discussão mundial sobre macroeconomia e os mercados de derivativos", avaliou.

Rodrigo de Rato, do FMI, destacou que "os mercados derivativos podem contribuir consideravelmente para a gestão e diversificação de riscos nos países da América Latina. O Brasil tem os mercados derivativos mais importantes da região, e é possível que seu êxito deva-se em parte à transparência e à administração eficaz desse mercado. Entre as economias emergentes e as de mercados maduros, o Brasil é a única que estabeleceu a obrigação de informar sobre os merca-dos extra-bolsa de derivativos. A experiência do Brasil mostra que a declaração de dados e a transparência não são impossíveis nem excessivamente caras nos mercados derivativos".

Crise e agência de rating - O Nobel Edmund Phelps, afirmou que uma das consequências da atual crise no mercado financeiro internacional deve ser o surgimento de um novo tipo de agên-cias de classificação de risco. Para Phelps, os instrumentos utilizados por agências como Standard & Poor's (S&P) e Moody's para avaliar os empréstimos de alto risco (subprime) do mercado hipotecário americano, estopim da atual turbulência, mostraram-se ineficientes, sugerindo que elas erraram muito em suas análises.

Segundo Phelps, as Agências de Rating tendem a se concentrar no risco de Inadimplência e não dispõem de ferramentas para



medir os preços de novos ativos, como os subprime, que são negociados em escala global, ressaltando a importância de criar mecanismos, ou até instituições, capazes de formar preço desses ativos de forma rápida e transparente.

Isso supõe a adoção de novos critérios regulatórios, de provisionamento e, em especial, de novos métodos de valoração dos ativos. A sofisticação do mercado financeiro tem deflagrado operações que alavancam ativos em cima de outros ativos de forma tão intrincada que se torna difícil conhecer o valor dos ativos nas diferentes etapas de negociação e a estrutura de distribui-ção de riscos entre elas.

Grandes debates e qualificação - Manoel Cintra destacou a importância do evento e das sugestões, afirmando que teremos, a partir de agora, um alto padrão de relacionamento entre ope-radores do mercado, acadêmicos, políticos, reguladores, profissionais, mídia. Também ressaltou outro evento recente, no qual a BM&F distribuiu os primeiros selos de qualificação operacional, ocasião em que "comemoramos a busca de excelência da brokeragem brasileira", e que reuniu as lideranças das corretoras associadas, membros do Conselho de Administração, empresários, representantes de autoridades governamentais e de outras instituições.

Foram entregues 75 Selos de Qualificação, dentro dos cinco posicionamentos estratégicos criados pela BM&F: Agro Broker (foco no agronegócio); Carrying Broker (custó-

dia de posições); Execution Broker (trading profissional), Retail Broker (mercado de varejo) e Web Broker (prestação de serviços pela Internet).

A presidente da CVM - Comissão de Valores Mobiliários, Maria Helena Santana, que parti-cipou do evento, disse que a iniciativa da BM&F "mostrou uma visão adequada e correta sobre o que traz valor para o negócio". Destacou também o papel da auto-regulação. "Quando as entida-des de mercado fazem sua parte, a CVM pode se dedicar a outros problemas com maior eficácia". Em sua opinião, a busca de um melhor ambiente de negócios e com mais segurança, que resultou dos esforços das Corretoras em obter os Selos de Qualificação, vai ser responsável pelo aumento da competitividade do mercado brasileiro.

Edemir Pinto, diretor geral da BM&F, lembrou que o processo de certificação é de adesão voluntária e que, a qualquer momento, as Sociedades Corretoras poderão requerer novos selos. Da mesma maneira, a bolsa efetuará o acompanhamento das atividades das Corretoras certifica-das; e daquelas que vierem a aderir ao programa de qualificação profissional.

O programa de qualificação criado pela Bolsa provou que podemos chegar à excelência em todos os níveis contemplados pelos Selos distribuídos. A BM&F fez um papel profissional indu-tor, que contribui também para manter a capilaridade do sistema. Sem perfeita sintonia para o exercício da firmeza política e profissional não se constrói um grande mercado.

Em resumo, a certificação busca tão-somente reconhecer que determinada Corretora está efetivamente qualificada a prestar serviços de excelência no âmbito do posicionamento estratégico em que foi certificada. Na verdade, a certificação reverencia e consagra uma especialização e confere nitidez à identidade empresarial da Corretora.

■ **Ney Castro Alves, Advogado, é presidente da Theca CCTVM, presidente da Adeval e da Fenadistri, membro dos Conselhos Administrativos da CNF e da Acor, membro do Conselho Consultivo da BM&F e membro suplente do CRSFN – Conselho de Recursos do Sistema Financeiro Nacional**
neyalves@theca.com.br